

Torre de Babel:

Créditos e Poderes da Comunicação



Edwaldo Costa
(Organizador)


Atena
Editora
Ano 2021

Torre de Babel:

Créditos e Poderes da Comunicação



Edwaldo Costa
(Organizador)


Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Torre de Babel: créditos e poderes da comunicação

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Kimberly Elisandra Gonçalves Carneiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Edwaldo Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T689 Torre de Babel: créditos e poderes da comunicação /
Organizador Edwaldo Costa. – Ponta Grossa - PR:
Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-870-0

DOI 10.22533/at.ed.700211103

1. Comunicação. 2. Mídia. I. Costa, Edwaldo
(Organizador). II. Título.

CDD 302.23

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

A coleção Torre de Babel: Créditos e Poderes da Comunicação é apenas um breve panorama da produção e reflexão acadêmica na área, contemplando a produção de dois e-books, que reúnem não apenas as possibilidades que o campo da Comunicação enseja, mas também os desafios que se erigem na/da sociedade contemporânea, marcada pelo crescente processo de midiatização e conflitos de informação. Neste e-book 1, apresentamos 26 capítulos de 35 pesquisadores.

Na Bíblia, o Gênesis conta que “o mundo inteiro falava a mesma língua, com as mesmas palavras” (Gn 11,1). Os homens resolveram, porém, criar uma cidade com uma torre tão alta que chegaria a tocar o céu e os tornaria famosos e poderosos. Então Deus, para castigá-los, fez com que ninguém mais se entendesse e os homens passaram a falar línguas diferentes. Assim, os construtores da torre se dispersaram e a obra permaneceu inacabada. A diversidade das línguas surge como forma de evitar a centralização do poder. A cidade dessa história bíblica ficou conhecida como Babel, que significa “confusão”.

Muitos milênios depois, o homem se encontra enredado em múltiplas formas de comunicação, com línguas, códigos e dispositivos diversos, cada vez mais sofisticados e mais céleres. Todavia, a (in)compreensão das mensagens vem, assustadoramente, transformando-se, muitas vezes, na destruição da harmonia e da paz entre os homens. Mesmo com o avanço da tecnologia, a comunicação parece permanecer precária. A civilização ergue monumentos gigantescos, mas não é capaz de resolver conflitos básicos.

Trata-se de uma obra transdisciplinar que versa sobre comunicação, concepções de linguagem, redes sociais, jornalismo, produção de conteúdo, *fake news*, pandemia, inteligência artificial, pós-verdade, elementos do telejornalismo na educação, *posts*, construção de imagens, misoginia, sexismo, análise do discurso, moda, ciberfeminismo, *stories*, *gifs* animados, produtos midiáticos, imaginário, circuito editorial, relações públicas, comunicação organizacional, comunicação pública, comunicação interna, mídia, estereotopia no jornalismo espanhol, cinema e reality show.

A ideia da coletânea é simples: propor análises e fomentar discussões sobre a comunicação a partir de diferentes pontos de vista: político, educacional, filosófico e literário. Como toda obra coletiva, esta também precisa ser lida tendo-se em consideração a diversidade e a riqueza específica de cada contribuição. Por fim, sabemos o quão importante é a divulgação científica, por isso evidenciamos a estrutura da Atena Editora, capaz de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para que estes pesquisadores exponham e divulguem seus resultados.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MIGRAÇÃO VENEZUELANA NO BRASIL: DAS CONCEPÇÕES MIGRATÓRIAS À OPERAÇÃO ACOLHIDA	
Edwaldo Costa	
Mariceli Ferreira Marques	
DOI 10.22533/at.ed.7002111031	
CAPÍTULO 2	21
A INTERNET E AS REDES SOCIAIS NAS NARRATIVAS JORNALÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS – DESAFIOS EM MEIO À FLUIDEZ DE MEIOS E MENSAGENS NA CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS SOCIAIS	
Renato de Almeida Vieira e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7002111032	
CAPÍTULO 3	34
JORNALISMO NAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS: TENDÊNCIAS DE LINGUAGEM E PRODUÇÃO DE CONTEÚDO	
Pedro Augusto Farnese de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.7002111033	
CAPÍTULO 4	48
A LEGITIMAÇÃO DA VERDADE ENQUANTO VALOR JORNALÍSTICO DIANTE DA DISSEMINAÇÃO DE <i>FAKE NEWS</i> DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19 EM 2020	
Cláudia Regina Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.7002111034	
CAPÍTULO 5	60
O QUE É E O QUE PARECE SER: IMAGENS CRIADAS POR INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO ELEMENTOS ATUANTES NA PÓS-VERDADE	
Fernanda Carvalho Ferrarezi	
Priscila Monteiro Borges	
DOI 10.22533/at.ed.7002111035	
CAPÍTULO 6	74
ELEMENTOS DE TELEJORNALISMO NA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL DA INTERNET	
Maurício Pimentel Homem de Bittencourt	
DOI 10.22533/at.ed.7002111036	
CAPÍTULO 7	86
COMO OS ACONTECIMENTOS SE TRANSFORMAM EM <i>POSTS</i>	
Claudia Montenegro	
DOI 10.22533/at.ed.7002111037	
CAPÍTULO 8	100
A CONSTRUÇÃO DAS IMAGENS PROJETADAS DE JAIR BOLSONARO NO <i>FACEBOOK</i>	

DURANTE AS ELEIÇÕES DE 2018

Jéssica Gomes de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.7002111038

CAPÍTULO 9..... 113

MISOGINIA E SEXISMO NO TWITTER: ANÁLISE DO DISCURSO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA MULHER, EM POSTAGENS EXTRAÍDAS DO PERFIL DA JORNALISTA PATRÍCIA CAMPOS MELLO

Janete Monteiro Garcia

DOI 10.22533/at.ed.7002111039

CAPÍTULO 10..... 123

A MODA NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA EX-PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF

Jéssica Cristina de Campos

Luciana Coutinho Pagliarini de Souza

DOI 10.22533/at.ed.70021110310

CAPÍTULO 11..... 135

MODICES: REDES SOCIAIS DIGITAIS E CIBERFEMINISMO

Bianca Maciente Colvara

Soraya Maria Vieira Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.70021110311

CAPÍTULO 12..... 147

COMPARTILHAMENTO DO COTIDIANO: ACELERAÇÃO E PERFORMANCE MEDIADA NOS *STORIES*

Letícia Porfírio

DOI 10.22533/at.ed.70021110312

CAPÍTULO 13..... 158

O USO DE *GIFS* ANIMADOS NAS REDES SOCIAIS

Laura Batista Cintra

Sandra Maria Ribeiro de Souza

DOI 10.22533/at.ed.70021110313

CAPÍTULO 14..... 173

BRASILEIROS NO EXTERIOR IDENTIFICAM PRODUTOS MIDIÁTICOS QUE IMPACTAM A REPRESENTAÇÃO DO PAÍS E DO POVO NO IMAGINÁRIO ESTRANGEIRO

Roberta Brandalise

DOI 10.22533/at.ed.70021110314

CAPÍTULO 15..... 184

CIRCUITO EDITORIAL E DESAFIOS DO SETOR EM TEMPOS DE PANDEMIA

Marília de Araujo Barcellos

DOI 10.22533/at.ed.70021110315

CAPÍTULO 16.....	196
GIGANTES DO MERCADO: A EVOLUÇÃO DAS EMPRESAS DE RELAÇÕES PÚBLICAS BRASILEIRAS NOS RANKINGS INTERNACIONAIS	
<i>Rafael Alexandre Coelho da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.70021110316	
CAPÍTULO 17.....	209
COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL A PARTIR DA ÓTICA DA COMUNICAÇÃO PÚBLICA: UMA REFLEXÃO SOBRE AS ATIVIDADES DA SUPERINTENDÊNCIA DA ZONA FRANCA DE MANAUS	
<i>Layana do Amaral Rios</i>	
DOI 10.22533/at.ed.70021110317	
CAPÍTULO 18.....	221
CONSIDERAÇÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA E O PAPEL DA COMUNICAÇÃO INTERNA NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR	
<i>Sylvia Cristina de Azevedo Vitti</i>	
DOI 10.22533/at.ed.70021110318	
CAPÍTULO 19.....	233
UM PANORAMA DAS CORRENTES EUROPEIAS, ESTADUNIDENSES E SUL-AMERICANAS QUE UNEM MÍDIA, JORNALISMO E EDUCAÇÃO NA VIDA DOS CIDADÃOS	
<i>Pedro Neves Fonseca</i>	
DOI 10.22533/at.ed.70021110319	
CAPÍTULO 20.....	245
O PAPEL DA COMUNICAÇÃO INTERNA EM TEMPOS DE PANDEMIA: COMO AS COMPANHIAS ESTÃO SE ORGANIZANDO DURANTE A CRISE	
<i>Pâmela Cunha Pinheiro</i>	
<i>Patrícia Cerqueira Reis</i>	
DOI 10.22533/at.ed.70021110320	
CAPÍTULO 21.....	258
LUZ NO FIM DA QUARENTENA: JORNALISMO CIENTÍFICO EM TEMPOS DE PANDEMIA E INFODEMIA	
<i>Aniele Caroline Avila Madacki</i>	
DOI 10.22533/at.ed.70021110321	
CAPÍTULO 22.....	271
ESTEREOTIPIA NO JORNALISMO ESPANHOL: A TRADUÇÃO DA CIDADE DE SALVADOR - BA	
<i>Carla Severiano de Carvalho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.70021110322	
CAPÍTULO 23.....	285
FOPIN: RELATO DE EXPERIÊNCIA NA CRIAÇÃO DO FESTIVAL DE CINEMA FOCALIZA PARINTINS	
<i>Graciene Silva de Siqueira</i>	

Marcelo Rodrigo da Silva

DOI 10.22533/at.ed.70021110323

CAPÍTULO 24.....297

RELAÇÕES INTERNACIONAIS EM CENA: PRÁTICAS DE ENSINO POR MEIO DO CINEMA

Magno Klein

DOI 10.22533/at.ed.70021110324

CAPÍTULO 25.....306

JORNADA DO HERÓI NO REALITY SHOW: PRECONCEITO E PROTAGONISMO NO BBB19

Isadora da Silva Prestes

Iris Yae Tomita

DOI 10.22533/at.ed.70021110325

CAPÍTULO 26.....318

II FOPIN: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO 1º EVENTO *ONLINE* DO CURSO DE JORNALISMO DO ICSEZ/UFAM, EM PARINTINS-AM

Marcelo Rodrigo da Silva

Graciene Silva de Siqueira

DOI 10.22533/at.ed.70021110326

SOBRE O ORGANIZADOR.....329

ÍNDICE REMISSIVO.....330

CAPÍTULO 5

O QUE É E O QUE PARECE SER: IMAGENS CRIADAS POR INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO ELEMENTOS ATUANTES NA PÓS-VERDADE

Data de aceite: 01/03/2021

Data de submissão: 03/01/2021

Fernanda Carvalho Ferrarezi

Universidade de Brasília, Faculdade de
Comunicação
Brasília – Distrito Federal (DF)
<http://lattes.cnpq.br/6839741276836226>

Priscila Monteiro Borges

Universidade de Brasília, Faculdade de
Comunicação
Brasília – Distrito Federal (DF)
<http://lattes.cnpq.br/2432911028406042>

RESUMO: Como legado da fotografia, imagens realistas têm o poder de despertar credibilidade e confiança em quem as vê. O caráter de evidência da realidade da fotografia pode fazer imagens criadas por inteligência artificial, mas que buscam reproduzir realisticamente padrões visuais típicos da linguagem fotográfica, serem lidas de forma enganosa. A semiótica é um instrumento de investigação útil na busca pela compreensão dos signos produzidos por novas tecnologias, bem como de seu papel potencial em um mundo tomado por notícias falsas e desinformação, que já se encontra em estado de pós-verdade. Essas imagens realistas, geradas integralmente por algoritmos, podem contribuir para que as linhas que delimitam a verdade percam a nitidez e seja cada vez mais difícil identificar o que é falso. Explorar os elementos que as caracterizam se torna fundamental para entender os movimentos em curso na comunicação contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação visual, semiótica de C. S. Peirce, inteligência artificial, desinformação e pós-verdade, fake news e deepfakes.

WHAT IT IS AND WHAT IT SEEMS TO BE: IMAGES CREATED BY ARTIFICIAL INTELLIGENCE AS POST-TRUTH ACTING ELEMENTS

ABSTRACT: As a photography's legacy, realistic images have the power to awaken credibility and trust in those who see them. Photography's evidence of the reality trait can make images that are created by artificial intelligence, but which seek to realistically reproduce those visual patterns typical of the photographic language, be read in a misleading way. Semiotics is a useful research tool in the search for understanding signs produced by new technologies, as well as their potential role in a world taken over by fake news and disinformation, which is already in a post-truth state. These realistic images, generated entirely by algorithms, can contribute to the loss of sharpness of the lines that outline the truth and so it comes to be increasingly difficult to identify falseness. Exploring the elements that characterize them becomes fundamental to understand the ongoing movements in contemporary communication.

KEYWORDS: Visual communication, semiotics of C. S. Peirce, artificial intelligence, disinformation and post-truth, fake news and deepfakes

1 | INTRODUÇÃO

Quando uma nova tecnologia surge, seus produtos sempre causam impactos na forma como o ser humano se relaciona com o mundo. As possibilidades criadas por uma nova tecnologia geram diferentes níveis e tipos de mudanças. A fotografia é uma dessas tecnologias que, desde sua invenção no início do século XIX, vem continuamente modelando os modos de olhar e influenciando as convenções de representação da realidade. A similaridade de qualidades, como traços, formas, cores, entre a fotografia e o objeto representado garantiu que essa técnica fosse conhecida como “espelho do mundo”, por refletir com verossimilhança as pessoas e acontecimentos registrados – com a vantagem de guardar a memória do que já passou (MACHADO, 1984). A capacidade deste mecanismo de capturar a luz emitida pelos objetos e gravá-la em filme fotográfico com uma correspondência aparente com o ser fotografado concedeu à fotografia credibilidade, como um registro comprobatório da realidade. Com o tempo, o exercício da fotografia fez com que, gradativamente, certas regras de composição, de enquadramento, de uso da luz e da sombra, entre outros códigos visuais, se tornassem recorrentes, bem como certos recortes e convenções até hoje frequentemente reproduzidos nas imagens fotográficas.

2 | SEMIÓTICA PEIRCEANA

Uma das formas de estudar a fotografia e outros tipos de imagem é por meio da semiótica. Também chamada de “doutrina dos signos”, a semiótica de Charles S. Peirce tem como elemento central o signo, que “é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém” (PEIRCE, 2017, p. 46). Sobre os principais termos que o compõem, o autor explica que o signo

dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto*. Representa esse objeto não em todos os seus aspectos, mas com referência a um tipo de ideia que eu, por vezes, denominei *fundamento* [do signo] (PEIRCE, 2017, p. 46)

A semiótica peirceana propõe, por meio da análise dos modos de ser dos elementos que compõem o signo – objeto, fundamento do signo e interpretante - e das relações estabelecidas entre eles, classes de signos que podem atuar como ferramentas de pesquisa. “As classes de signos de Peirce são instrumentos de investigação e, como tais, têm um poder analítico efetivo” (BORGES, 2016, p. 245)¹. Para tanto, vale retomar uma noção anterior desenvolvida por Peirce que diz respeito ao estudo dos fenômenos², da qual

1. Tradução própria. No original “Peirce’s classes of signs are instruments of inquiry, and, as such, they have an effective analytical power”.

2. No livro *Semiótica segundo Peirce* (2004), João Queiroz explica que “afenomenologia experimental de Peirce, ou faneroscopia, é uma ciência “ocupada com os elementos formais do fâneron”, o “total coletivo de tudo que está, de qualquer modo, ou em qualquer sentido, presente à mente, sem consideração sobre se corresponde a algo real ou não” (CP 1,284)”.

suas tríades subsequentes são descendentes. Peirce (2017, p. 48) afirma que “os princípios e analogias da fenomenologia habilitam-nos a descrever, de um modo vago, quais devem ser as divisões das relações triádicas”. As três divisões da fenomenologia que alicerçam a obra de Peirce são, resumidamente, a primeiridade, relativa ao acaso, à espontaneidade, à qualidade pura, à originalidade, a secundidade, que concerne à ação e reação dos fatos concretos, existentes e reais, e a terceiridade, que diz respeito à mediação, ao processo, ao crescimento contínuo, ao hábito. As demais tríades propostas por Peirce seguem o mesmo percurso lógico.

Das classificações feitas por Peirce dentro da semiótica, as 10 classes de signos são uma das mais notórias e populares. Nela, são considerados os modos de ser do fundamento do signo (qualissigno, sinsigno, legissigno), da relação do signo com o seu objeto (ícone, índice, símbolo) e da relação do signo com seu interpretante (rema, dicente, argumento). De modo geral, esses termos estão relacionados, respectivamente, com a primeiridade, a secundidade e a terceiridade – ou seja, qualissigno, ícone e rema são derivados da primeiridade, sinsigno, índice e dicente, da secundidade e legissigno, símbolo e argumento, da terceiridade³.

Os diversos tipos de imagens são signos cujos processos de representação podem variar. A fotografia é uma delas e, como tal, tem um processo de representação próprio que pode ser analisada por meio dos instrumentos fornecidos pela semiótica peirceana. Souza e Silva (2015, p. 334), ao mencionar “o daguerreótipo de 1839, este que foi reconhecidamente o suporte pioneiro da fotografia, e que trazia a imagem em emulsão de prata sobre uma placa de cobre, comumente montada em um estojo portátil”, instiga a apresentação de um importante elemento caracterizador da fotografia analógica: seu modo de produção que requer uma conexão espacial para se realizar.

Por meio de processos químicos, físicos e mecânicos, a luz penetra na câmera e sensibiliza o filme fotográfico, de modo a permitir a posterior revelação da imagem. A luz que emana do objeto fotografado é essencial para que o processo se realize⁴. Fica evidente, então, que é indispensável uma conexão dinâmica, real, existencial para que a fotografia se realize. A presença simultânea, no mesmo tempo e espaço, é essencial para que se dê o registro. Nesse sentido, costuma-se aproximar de um consenso a compreensão de que, de modo geral, cada fotografia funciona como existente particular – logo, um sinsigno -, cujo modo de produção requer uma ligação dinâmica e causal com o objeto – portanto, indicial – e a informação que propõe é sobre um fato concreto – desse modo, dicente.

Vale ressaltar que, segundo Santaella (2017), na semiótica peirceana, o terceiro pressupõe o segundo e este, o primeiro. “Ou seja, as qualidades compõem os existentes singulares, sobre os quais se aplicam as leis gerais e as convenções” (FERRAREZI, 2018).

3. Para aprofundar a compreensão dos conceitos citados, conferir livros como *Semiótica*, de Peirce (2017), *O que é semiótica*, de Santaella (2017), e *Semiose segundo CS Peirce*, de João Queiroz (2014), assim como tantos outros que abordam o assunto.

4. Justificando o nome, que é composto pelos termos “foto”, que significa luz, e “grafia”, escrita.

A fotografia, ao corresponder ponto a ponto com o ser, fato ou objeto fotografado, carrega em si uma imensa similaridade de qualidades - o que a aproximaria dos termos relativos à primeiridade. Ao mesmo tempo, para que a imagem ganhe um sentido preciso, ela é também entremeada por códigos arbitrários e leis naturais – mais próximos dos termos relativos à terceiridade -

porque essa informação de luz que penetra a lente é refratada pelos meios codificadores (perspectiva, recorte, enquadramento, campo focal, profundidade de campo, sensibilidade do negativo e todos os demais elementos constitutivos do código fotográfico [...]) para convertê-los em fatos da cultura (MACHADO, 1984, p. 159)

No entanto, por seu caráter de emanção física do referente, costuma predominar na percepção a noção de que a fotografia funciona como evidência e comprovação de fatos e acontecimentos – sendo, deste modo, um signo que atua sobretudo de maneira mais próxima da secundidade. A transição da fotografia analógica para a digital, apesar de mudar certos métodos de captura, tornou estes signos mais complexos, mas manteve em si a essência da fotografia. Se mantém o seu cerne, que reside no papel fundamental da luz que emana do referente ser registrada para a formação da imagem, ainda que, em sua versão digital, ela precise ser traduzida por códigos digitais para tornar a fotografia visível. A transição para o digital, em consonância com o desenvolvimento de dispositivos compatíveis, aproximou a fotografia da sociedade. Tirar fotografias, recebê-las, armazená-las se tornou mais acessível, estando ao alcance das mãos de uma parcela significativa das pessoas. Assim, o seu caráter de registro de acontecimentos, ainda que mundanos, passou a ser ainda mais forte, sobretudo no contexto das mídias sociais, onde essas fotografias costumam ser publicadas e visualizadas.

A questão da manipulação fotográfica também se fez mais presente com os meios digitais. Segundo Borges (2006) as manipulações de fotografias analógicas, antes da tecnologia digital, implicavam em transformações materiais. “O que parece diferenciar as manipulações digitais das analógicas é que antes nos sentíamos habilitados a reconhecê-la e hoje temos a certeza de que não temos essa habilidade” (ibid., p. 3). Para a autora, essa diferença se dá porque a matéria resiste à mudança, então por mais cuidadosa que fosse a interferência, sempre seria deixada alguma marca passível de ser percebida. Nos meios digitais, isso não acontece. Os códigos – numéricos, informacionais, binários, algorítmicos – permitem alterações imperceptíveis na imagem fotográfica.

Isso não quer dizer que, na contemporaneidade, a fotografia tenha perdido seu status de evidência do factual. Quando associada a notícias jornalísticas, por exemplo, ajuda a agregar confiabilidade à informação veiculada. Para Bistane e Bacellar (2005), no contexto jornalístico, a imagem transforma quem a vê em testemunha. Segundo as autoras, “imagens também dão credibilidade e força às notícias, sobretudo às denúncias” (ibid., p. 41). Justamente pela prevalência da indicialidade, da relação existencial e de registro, a

fotografia tem sido usada para fazer o texto verbal mais autêntico, como a comprovação do fato ocorrido. Para Pinto (2010, p. 20), na atualidade, o visual se impõe como principal meio de leitura de jornais, de modo que “hoje não se lêem mais jornais, vêem-se jornais”:

O poder de convencimento da imagem fotográfica influencia a leitura e o aprendizado diário. [...] E hoje, mais do que nunca, devido à grande quantidade de informações à qual estamos expostos, a cognição se faz pelo visual [...] a fotografia atua, cada vez mais, como ponto de referência na escolha da notícia a ser lida. O leitor precisa ver a notícia para que passe a existir o acontecimento. A realidade está nas imagens, com elas o jornal torna-se claro, o texto fica [...] mais “inteligível”, atraindo a atenção do receptor e informando facilmente (PINTO, 2010, p. 20)

Justamente por seu caráter de registro e evidência do real, a fotografia passa um senso de credibilidade que, por vezes, pode ser injustificado. De acordo com a autora, “sempre houve um condicionamento quanto à ‘certeza’ de a fotografia ser uma prova irrefutável de verdade” (ibid., p. 23) o que pode levar o leitor da notícia a acreditar “fielmente que a fotografia é a comprovação daquilo que está impresso, uma verdade inequívoca do acontecimento” (ibid., p. 21). O que se sucede dessa confiança cega é que, segundo Pinto, usa-se da credibilidade fotográfica para reforçar uma ideia – que pode estar ou não em conformidade com a verdade.

3 I IMAGEM E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL



Figura 1

Figura 2

Figura 3

As Figuras 1, 2 e 3 poderiam, aparentemente, acompanhar qualquer texto jornalístico. Visualmente, seguem os principais parâmetros utilizados para compor o retrato do personagem sobre quem a notícia em questão se refere. Seja pela estética padronizada que comumente se utiliza em jornais, por meio de poses, luz, enquadramento, entre outros códigos visuais, as figuras se assemelham em numerosos aspectos às fotografias veiculadas no meio jornalístico. As figuras poderiam passar despercebidas entre outras fotografias de jornal, sendo aparentemente indiferenciáveis das mesmas. Em relação às Figuras 1, 2 e

3, ter certa experiência colateral⁵, conforme propõe Peirce, que traga informações sobre o modo de produção de tais imagens pode afetar a interpretação que é feita a partir delas. As imagens em questão foram disponibilizadas no site *This Person Does Not Exist*⁶ (que pode ser traduzido como “essa pessoa não existe”), criado pelo programador Phillip Wang e lançado no início de 2019, e foram geradas “por inteligência artificial (AI) usando de redes neurais para criar imagens falsas” (MOTA, 2019), por meio de um *software* da empresa NVIDIA chamado StyleGAN. A informação sobre a origem e o modo de produção muda drasticamente a leitura das figuras.

Apesar de parecerem fotografias, elas não o são. São criações de uma AI que está em contínuo aprendizado para produzir imagens digitais extremamente realistas de pessoas fictícias, que não têm existência física, real. “A AI é capaz de apresentar alguns dos rostos de aparência mais realista de pessoas inexistentes que as máquinas produziram até agora”⁷ (METZ, 2019). Fruto de um refinado desenvolvimento tecnológico, este *software* cria um novo tipo de signo, com características próprias. Tamanha inovação pode causar surpresa ao intérprete que se depara com ela pela primeira vez. Àquele que não tiver a experiência colateral e não estiver inserido no contexto necessário para saber que se trata de uma criação digital, talvez olhe para as imagens como se fossem fotografias e seu caráter de retrato de uma pessoa real jamais seja questionado.

A decisão de criar digitalmente imagens de rostos humanos não ocorreu por acaso. “Os rostos são mais importantes para a nossa cognição, então eu decidi usar esse modelo pré-formatado específico. Mas o grupo de pesquisa da NVIDIA incluiu modelos pré-concebidos para gatos, carros e quartos em seu repositório”, afirma Wang (MOTA, 2019). De fato, o rosto tem um papel importante na percepção humana, sendo alvo de pesquisas específicas em diversas áreas do conhecimento. Leone (2018, p. 3) desenvolve uma pesquisa sobre isso mostrando “a proeminência do rosto na neurofisiologia da percepção e da cognição”⁸, a “evolução da ‘leitura de rostos’, da fisionomia antiga até as teorias de percepção de rosto dos dias de hoje”, até “as implicações políticas e econômicas do ‘armazenamento digital de rostos’”. Rostos são fáceis de reconhecer e permitem que pequenas mudanças, ainda que sutis, sejam muito significativas na identificação de um indivíduo.

Por outro lado, parece relevante que modelos de outros objetos, como animais, veículos e ambientes domésticos também estejam sendo desenvolvidos na criação de imagens digitais por AI, sem amparo na realidade física. Tal possibilidade abre precedente

5. Peirce introduz o conceito de “experiência colateral” como o conhecimento prévio necessário para que seja possível entender e identificar melhor o objeto que o signo representa: “Por observação colateral, refiro-me à intimidade prévia com aquilo que o signo denota” (CP 8.179). Em outros termos, a experiência colateral é algo que está fora do signo, mas que fornece certas informações que podem ampliar a interpretação do signo.

6. Disponibilizadas no site: <https://thispersondoesnotexist.com/>. Acessado em 02 de setembro de 2020.

7. Tradução própria. No original: “The AI is adept at coming up with some of the most realistic-looking faces of non-existent people that machines have produced thus far”.

8. Tradução própria. No original: “the prominence of the face in the neurophysiology of perception and cognition”; “evolution of ‘face reading’, from ancient physiognomy until present-day face perception theory”; e “the economic and political implication of ‘digital face storage’, respectivamente.

para que imagens de qualquer categoria de objeto possam ser representadas com realismo extremo, indiferenciáveis ao olho humano de fotografias tradicionais. No entanto, essas imagens seriam produzidas integralmente a partir de códigos algorítmicos, e sem nenhum tipo de conexão com um objeto existente que reflete luz. Devido à capacidade de aprendizado da AI, a tecnologia passa por um processo de amadurecimento muito rápido e autônomo, sem intervenção humana após o estágio inicial. Assim, essas imagens se tornam gradativamente mais sofisticadas e realistas. Sites como o *This Person Does Not Exist* “mostram como está se tornando fácil para as pessoas criar imagens falsas que parecem plausivelmente reais – para o bem ou para o mal”⁹ (METZ, 2019).

Aqui, vale retornar à teoria semiótica de Peirce na busca por uma compreensão mais sólida deste tipo de signo. Peirce afirma que todo signo tem necessariamente um objeto. “Para que algo possa ser um Signo, esse algo deve ‘representar’, como costumamos dizer, alguma outra coisa, chamada seu Objeto” (PEIRCE, 2017, p. 47). O autor também afirma que um signo pode ter mais de um objeto ou um conjunto de objetos.¹⁰ Em uma fotografia, o objeto mais óbvio é o ser fotografado – por exemplo, na fotografia de uma menina, a menina, como indivíduo particular, é um objeto do signo. Mas o conjunto de objetos também pode incluir outros elementos, como a noção geral de pessoa e a própria técnica fotográfica.

No caso das imagens do *This Person Does Not Exist*, o objeto pode parecer menos claro. Borges (2019, p. 139) afirma que “o objeto de um signo pode não ser um particular definido nem ser restrito a uma ideia particular, a qual o representa (como o interpretante em uma relação semiótica)”¹¹. Alguns objetos podem ser apontados. Um deles é a técnica que o permite. Nesse sentido, um objeto das imagens do *This Person Does Not Exist* é a tecnologia, a inteligência artificial, complexa, codificada e regida por leis informacionais altamente sistematizadas. Outro objeto é a própria humanidade, as pessoas de modo abstrato, visto que as imagens buscam replicar rostos humanos. Por buscar reproduzir o modo de representação da realidade típico das fotografias, especificamente dos retratos, outro objeto também pode ser a fotografia de modo geral e seu código visual tradicional. E, ainda, poderia ser sugerido que outro objeto seja a imagem digital, formada por pixels, sem materialidade física, cujo acesso se dá por meio de uma tela.

Pode-se observar que cada imagem gerada por essa AI pode funcionar como uma réplica¹² de algo mais geral que as produz, um legissigno, que engloba a todas. A réplica,

9. Tradução própria. No original: “These sites show how easy it’s becoming for people to create fake images that look plausibly real — for better or worse”.

10. “A frase ‘Caim matou Abel’, que é um Signo, refere-se no mínimo tanto a Abel quanto a Caim, mesmo que não se considere, como se deveria fazer, que tem em ‘um assassinato’ um terceiro Objeto” (PEIRCE, 2017, p. 47).

11. Tradução própria. No original: “The object of a sign may not be a definite particular, nor is it restricted to a particular idea, which represents it (as the interpretant in a semiotic relation)”.

12. Peirce entende que todo legissigno (a lei geral que é um signo) significa através de um caso de sua aplicação, que pode ser denominada réplica. Para diferenciar o legissigno de sua réplica, Peirce (2017, p. 52) exemplifica: “A palavra ‘o’ normalmente aparecerá de 15 a 25 vezes numa página. Em todas essas ocorrências é uma e a mesma palavra, o mesmo legissigno. Cada uma de suas ocorrências singulares é uma Réplica. A Réplica é um Sinsigno. Assim, todo Legissigno requer Sinsignos”.

enquanto existente em particular com a qual é possível ter contato, pode ser entendida como um sinsigno. Ao representar todo um universo de possibilidades tecnológicas, com seus códigos e normas, e propor que há uma nova forma de criar uma imagem, um modo de funcionamento presente é de legissigno simbólico dicente. A sua réplica, desse modo, funcionaria como sinsigno indicial dicente, pois é um existente que se relacionou diretamente com seu objeto – a tecnologia, a inteligência artificial – para ser produzido.

Um [Legissigno] Símbolo Dicente, ou Proposição ordinária, é um signo ligado a seu objeto através de uma associação de ideias gerais e que atua como um Símbolo Remático, exceto pelo fato de que seu pretendido interpretante representa o Símbolo Dicente como, sendo, com respeito ao que significa, realmente afetado por seu objeto, de tal modo que a existência ou lei que ele traz à mente deve ser realmente ligado com o objeto indicado. [...] A réplica do Símbolo Dicente é um Sinsigno Dicente de um tipo especial. (PEIRCE, 2017, p. 57)

Na sua relação com os possíveis objetos apontados, se percebe diferentes tipos de ligação. Se a atenção vai para o modo como o signo representa um rosto humano, visto que a composição faz com que se perceba claramente o retrato de uma pessoa, então pode ser percebida uma relação de iconicidade, ou seja, de similaridade de qualidades – formato do nariz, cor de pele, textura do cabelo. No entanto, a similaridade aqui não é com um rosto específico existente, mas com uma certa ideia de rosto possível, o que nos leva a pensar que seria uma similaridade um pouco mais vaga. No entanto, se o foco muda para a representação de padrões imagéticos típicos da fotografia, então são as leis que regem a ordenação visual fotográfica – enquadramento, poses – que prevalecem, em uma relação simbólica. Da mesma maneira, se o foco é colocado no modo como o signo representa a tecnologia que o possibilita, então a relação é simbólica, visto que são as leis e códigos informacionais que regem esta ligação.

Por ser um signo de alta complexidade, múltiplas interpretações são viáveis. Mas o que acontece se o intérprete, não tendo a informação colateral sobre o papel da AI no modo de produção dessas imagens, fizer uma leitura equivocada dessas imagens? É perfeitamente plausível que um leitor veja as imagens do *This Person Does Not Exist* e julgue estar diante de uma fotografia comum. O que decorre desta percepção é que sua interpretação será aquela adequada a uma fotografia: o interprete julgará que houve uma conexão dinâmica e existencial com o objeto para que o signo fosse produzido. E, a partir desse pressuposto, tal intérprete poderia ser levado a associar as imagens com as típicas noções de evidência, comprovação, registro e testemunho de ocorrências factuais. Assim, como já foi mencionado, tais imagens, associadas a um texto escrito, poderiam trazer credibilidade e força para notícias que não têm compromisso com a verdade.

4 | DESINFORMAÇÃO

É o contexto contemporâneo de disseminação de notícias falsas e de pós-verdade que inspira as referidas hipóteses. O conceito de pós-verdade vem se tornando cada vez mais popular desde o início dos anos 2000. A chamada ‘era da pós-verdade’¹³ diz respeito a um período em que a verdade teria se tornado irrelevante, passando a ter menos importância do que o apelo à emoção e à crença¹⁴. Seria, de acordo com o jornal *The Economist*, um momento em que a verdade não é falsificada ou contestada, mas passa a ter importância secundária, diante de mentiras criadas não para convencer, mas para reforçar preconceitos¹⁵. Os instrumentos que ancoram a pós-verdade costumam ser motivados por interesses pessoais, privados, muitas vezes, políticos. Um dos eixos que vêm sustentando esse cenário em que a verdade deixa de ser primordial são as notícias falsas. O termo, sinônimo de *fake news*, será entendido aqui como equivalente a notícias fraudulentas e notícias mentirosas, em que há a intenção maliciosa “do agente de enganar o interlocutor, o público ou o destinatário” (BUCCI, 2018, p. 22), sendo mais do que um mero boato ou fofoca.

O termo *fake news* vem ganhando popularidade nos últimos anos, sobretudo desde 2017, quando chegou a ser considerada a palavra do ano pelo dicionário Collins¹⁶. Desde então, seu uso se tornou cada vez maior como forma de estratégia política em países como o Brasil, os Estados Unidos e a Inglaterra. Apesar de ter alcançado uma aparente onipresença em tempos recentes, o fenômeno das *fake news* não é novidade¹⁷. Entretanto, houve uma expansão significativa na criação e disseminação de notícias falsas com o domínio das mídias sociais e demais meios de interação e compartilhamento on-line. “Pode-se argumentar, e com razão, que a novidade não está nas *fake news* em si, mas na aparição de um instrumento capaz de reproduzi-las e disseminá-las com amplitude e

13. Tendo sido usado pela primeira vez em 1992, em uma coluna da revista *The Nation*, escrita por Steve Tesich, o termo ganhou destaque com a publicação do livro *The post-truth era*, de Ralph Keyes (2004). Política da pós-verdade parece ter sido cunhada pelo blogueiro David Roberts, em 2010, e desde então tem sido usada para se referir à política desconectada “da própria substância da legislação em Estados democráticos de direito” (BUCCI, 2018, p. 22).

14. Tradução própria. No original: “Post-truth is an adjective defined as ‘relating to or denoting circumstances in which objective facts are less influential in shaping public opinion than appeals to emotion and personal belief.’”, em *Oxford Languages*. Disponível em: <https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/>. Acesso em: 09/09/2020.

15. Em 2016, a matéria “Art of the Lie: Post-Truth Politics in the Age of Social Media” (A Arte da Mentira: A Política da Pós-Verdade na Era das Redes Sociais) foi publicada pelo jornal *The Economist*, firmando o uso da expressão para designar um cenário em que “truth is not falsified, or contested, but of secondary importance”. Disponível em: <https://www.economist.com/leaders/2016/09/10/art-of-the-lie> Acesso em: 07/09/2020.

16. Segundo a matéria “Fake news is ‘very real’ word of the year for 2017” (fake news é a palavra ‘muito real’ do ano de 2017, em tradução própria), publicada pelo jornal *The Guardian* em 02 de novembro de 2017, o termo ‘fake news’ adquiriu certa legitimidade graças à aparente onipresença garantida pelo aumento de 365% em seu uso desde o ano anterior. Fonte: <https://www.theguardian.com/books/2017/nov/02/fake-news-is-very-real-word-of-the-year-for-2017>. Acesso em 07/09/2020.

17. “A mentira de imprensa é tão antiga quanto a imprensa. Quando olhamos os jornais da virada do século XVIII para o século XIX na Europa e nos Estados Unidos, vemos um festival de calúnias e xingamentos sem nenhum compromisso com o equilíbrio, a ponderação e a objetividade. Os diários que conquistaram na prática a liberdade de imprensa primavam pela violência da linguagem e mentiam à vontade. [...] Faz tempo, portanto, que relatos inverídicos embaralham a política e as comunicações humanas” (BUCCI, 2018, p. 23-24).

velocidade inauditas”, segundo Frias Filho (2018, p. 42). Com a internet, as redes sociais e os dispositivos móveis, a criação e difusão de conteúdo se tornou mais fácil.

A internet e as redes sociais instauraram uma lógica inédita imensamente facilitadora para a publicação e o compartilhamento. Tal lógica atingiu seu pico a partir das mídias móveis que permitem a publicação e interação de qualquer ponto do espaço, no momento em que se desejar. Qualquer pessoa pode abrir um site, um blog ou um perfil em quaisquer plataformas que quiser (SANTAELLA, 2018, p. 31)

A questão dos meios on-line como facilitadores do florescimento de notícias falsas se baseia em ao menos três fatores, que se entrelaçam. (1) Primeiro, qualquer pessoa pode criar conteúdo, podendo ter o objetivo de favorecer seus interesses pessoais ou desfavorecer o de seus inimigos ou concorrentes. Como todos podem produzir publicações, isso também implica que o usuário comum se acostuma a estar cercado por conteúdo vindo de múltiplas fontes, às quais nem sempre serão conhecidas. (2) Em segundo lugar, como consequência do primeiro, mas também da própria facilidade de publicação, está a profusão de informação que soterra os usuários de redes sociais. O excesso de informação¹⁸ se delinea como problema por desorientar os indivíduos sobre o que é importante e merecedor de atenção e o que não passa de banalidade. O tsunami de informações pode propiciar a ofuscação de alguns dados em detrimento de outros, que se destacam, intencionalmente ou não. (3) E, por fim, a velocidade que se impõe nos meios on-line, sobretudo nas redes sociais, nas quais a própria estrutura se configura de modo a que o que é novo se sobreponha ao que é mais antigo. Assim, a produção constante de conteúdo é estimulada, como forma de se tornar mais visível - a visibilidade está diretamente relacionada à rentabilidade e ao sucesso nesse contexto on-line. A rapidez na produção de notícias pode, por um lado, prejudicar a apuração sólida dos fatos, e por outro, atrapalhar a checagem dos fatos antes do compartilhamento. Para Bucci (2018), fica nítido como os meios on-line

aceleraram e fortaleceram a pós-verdade. Isso se deu por pelo menos dois motivos. O primeiro tem a ver com um incremento de velocidade, de alcance, de eficácia e de escala. Vários levantamentos mostram que as notícias fraudulentas repercutem mais do que as verdadeiras. E mais rapidamente. [...] O segundo fator é econômico. Notícias fraudulentas dão lucro (ibid., p. 27)

Associados entre si, os fatores mencionados criam no cenário contemporâneo da internet um terreno fértil para as notícias falsas. Se acompanhadas por imagens, sua chance de ser replicada aumenta ainda mais, graças à credibilidade conferida às fotografias no imaginário popular. “O usuário compartilha sem nem mesmo ler o conteúdo, só passando

18. Aludida como ‘mal do século’ já em 2001, uma suposta síndrome do excesso de informação causaria ansiedade, angustia e insônia. “Quanto mais sabemos, menos seguros nos sentimos. É a sensação de que o mundo está girando a muitas rotações a mais do que nós mesmos”, afirmam especialistas em matéria da Folha de São Paulo de setembro de 2001. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/imprescindivel/semana/gd020901a090901.htm>. Acesso em: 07/09/2020.

os olhos na chamada e na imagem, cujo poder de atração as colocam no foco central da atenção” (SANTAELLA, 2018, p. 32). As fotografias – e as imagens que se parecem com elas, como aquelas geradas pelo programa *This Person Does Not Exist* – se passam por evidência do que está escrito no texto, ou mesmo só no título da notícia, trazendo ao leitor uma sensação de confiança em relação ao que está vendo. Essa sensação parece ter um peso grande na tomada de decisão em meio à infinidade de notícias que se acumulam, pois, “quanto mais tráfego houver, tanto maior será a difusão do engano, cujo modo de propagação é regido, sobretudo, pelo apelo emocional não filtrado pela razoabilidade do bom senso” (ibid, p. 32). A autora apresenta pesquisas realizadas em uma rede social¹⁹ que demonstram que, quanto à categoria temática, as notícias sobre política são as que mais se disseminam. Em relação à veracidade, as falsas têm vantagem, sendo que há uma probabilidade 70% maior de se compartilhar uma notícia mentirosa do que uma verdadeira. A razão para isso parece ser a carga emocional atrelada às notícias falsas que, sem compromisso com a realidade, podem ser sensacionalistas, causar desgosto, medo e, especialmente, surpresa.

5 | CONCLUSÃO

Quando a produção de notícias falsas se alia à possibilidade de utilização de imagens também falsas – mas que parecem reais a ponto de sua falsidade ser indetectável ao olho humano -, as ferramentas para criação de mentiras se tornam ainda mais fortes. A AI *This Person Does Not Exist* vem sendo considerada por alguns teóricos²⁰ como uma forma de *deepfake*. Popularizadas a partir de 2017²¹, tratam-se de imagens, sons e vídeos criados por meio de inteligências artificiais denominadas *deep learning* para representar eventos falsos. É uma questão que complexifica ainda mais a tarefa de identificar o que é verdadeiro e o que é falso, e seus detalhes merecem ser mais explorados em outra oportunidade. O que é fundamental mencionar é que se abrem novas possibilidades de criar conteúdo falso cada vez mais realista e, por isso, com potencial cada vez maior de manipular e enganar. Não se trata de demonizar o desenvolvimento científico e tecnológico nem ser negacionista quanto ao progresso e a evolução. Vale ressaltar que a expansão do conhecimento tem lugar central na obra de Peirce, por meio do crescimento da razão, do aprendizado e da

19. A pesquisa foi realizada no Twitter, de 2006 a 2017, por Vosoughi, Roy e Aral, tendo levado o nome “The spread of true and false news online” (A propagação de notícias verdadeiras e falsas online) e é descrita por Santaella (2018, p. 37-39).

20. A artista e professora da Universidade de São Paulo (USP) Giselle Beiguelman discorre sobre o assunto na matéria “As verdades dos *deepfakes*”, publicada pela Revista Zum em julho de 2020. Disponível em: <https://revistazum.com.br/revista-zum-18/online/>. Acesso em 29 de setembro de 2020.

21. Segundo matéria do jornal The Guardian, publicada em janeiro de 2020, “Podemos esperar mais *deepfakes* que assediam, intimidam, rebaixam, enfraquecem e desestabilizam. [...] O impacto mais insidioso dos *deepfakes*, junto com outras mídias sintéticas e notícias falsas, é criar uma sociedade de confiança zero, onde as pessoas não conseguem ou não se preocupam mais em distinguir a verdade da falsidade. E quando a confiança é corroída, é mais fácil levantar dúvidas sobre eventos específicos”. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2020/jan/13/what-are-deep-fakes-and-how-can-you-spot-them>. Acesso em 16/09/2020.

aquisição de conhecimento. No entanto, é preciso identificar os impactos que um novo signo pode ter em determinado contexto, e também como certos cenários socioculturais podem motivar a criação de novos signos.

Dependendo da utilização feita com uma inovação tecnológica, seus efeitos podem ser positivos ou negativos. Analisando o modo como os indivíduos têm se comportado na internet e nas redes sociais, levando a um aumento na criação e propagação de notícias falsas, parece razoável esperar que as imagens criadas pela AI do *This Person Does Not Exist* sejam utilizadas com fins maliciosos, com o objetivo de enganar e favorecer uma agenda política em detrimento dos interesses do oponente.

O desafio de como lidar com notícias falsas é antigo, se torna cada vez maior e ainda não tem uma solução definitiva²². Seja por meio do texto mentiroso ou de imagens que parecem incrivelmente verdadeiras, mas são fictícias, as notícias falsas vêm estabelecendo uma realidade em que desconfiar se torna cada vez corriqueiro e, quiçá, necessário. No entanto, a insegurança de não saber em que acreditar, que decorre da existência em um mundo de pós-verdade, pode afetar a referência que se tem entre o que é verdadeiro e o que é falso.

O resultado de uma substituição coerente e total de mentiras à verdade de facto não é as mentiras passarem a ser aceites como verdade, nem que a verdade seja difamada como mentira, mas que o sentido através do qual nos orientamos no mundo real - e a categoria da verdade relativamente à falsidade conta-se entre os recursos mentais para prosseguir esse objectivo - fique destruído (ARENDDT, 1995)

Se as noções de verdade e falsidade e a oposição entre elas vão se destruindo, torna-se cada vez mais difícil diferenciar o que é fato e o que é mentira. A perda da solidez entre o que separa verdade e mentira acaba por reforçar a própria noção de pós-verdade que permeia a contemporaneidade. Como consequência, a pós-verdade se fortalece e a busca pela verdade factual vira uma tarefa árdua e nebulosa. Saber que tipo de tecnologia pode estar atuando nas representações do mundo auxilia na luta contra as notícias falsas. Assim, é preciso se adaptar às inovações e estar atento a possíveis enviesamentos, a fim de não se deixar ser engolido pela profusão notícias – sejam elas verdadeiras ou falsas.

22. A solução para esse problema não é óbvia nem simples. Educar os usuários em relação ao conteúdo com que eles podem estar interagindo e compartilhando é um passo para evitar impactos negativos que podem estar por vir. Santaella (2018, p. 26) fala sobre “educação para as mídias e nas mídias”, um aprendizado contínuo sobre recursos disponíveis, pesquisa adequada e mudança de hábitos. Algumas sugestões são procurar fontes confiáveis, investigar criticamente quem publica e sobre quem se refere, e evitar só consumir conteúdo vindo dos mesmos meios e indivíduos, a fim de combater a alienação e ter perspectivas diferentes. Sobre as notícias falsas, “o desenvolvimento de pensamento crítico foi eleito como o antídoto mais eficaz contra os [seus] efeitos nefastos” (ibid., p. 41). No caso de notícias, além de se questionar sobre a razoabilidade do que está sendo divulgado, vale buscar agências de checagem de fatos para conferir se a informação está de acordo com a verdade factual, conforme propõe Arendt (1995). Além disso, no caso de imagens que possam ser falsas, a autora sugere o uso do Google Reverse Image Search, que aponta a origem da imagem utilizada.

REFERÊNCIAS

ARENDET, Hannah. Verdade e Política. **Entre o Passado e o Futuro**. Tradução de Manuel Alberto. Lisboa, Relógio D'Água Editores, 1995. Em: <http://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2014/11/Verdade-e-pol%C3%ADtica.pdf>. Acesso em: 07/09/2020.

BISTANE, L., BACELLAR, L. **Jornalismo de tv**. São Paulo: Contexto, 2005

BORGES, Priscila. A Complex System of Sign Classes for. **The Bloomsbury Companion to Contemporary Peircean Semiotics**, p. 133, 2019.

_____. A System of 21 Classes of Signs as an Instrument of Inquiry. **The American Journal of Semiotics**, 2016.

BUCCI, Eugênio. (2018). Pós-política e corrosão da verdade. **Revista USP**, n. 116, p. 19-30, 29 maio 2018.

FERRAREZI, Fernanda Carvalho. **O olhar do viajante: uma análise semiótica de fotografias de viagem do Instagram**. 2018.

FRIAS FILHO, Otávio. O que é falso sobre fake news. **Revista USP**, n. 116, p. 39-44, 29 maio 2018.

LEONE, Massimo. **The semiotics of the face in the digital era**. Perspectives, v. 17, 2018.

MACHADO, Arlindo. **A ilusão especular: introdução à fotografia**. Brasiliense/Funarte, 1984.

METZ, Rachel. **These people do not exist**. Why websites are churning out fake images of people (and cats). 2019. Em <https://edition.cnn.com/2019/02/28/tech/ai-fake-faces/index.html>. Acesso: 03/09/2020.

MOTA, Renato. **Site cria fotos realistas de pessoas que não existem, usando imagens reais**. 2019. Em <https://canaltech.com.br/inteligencia-artificial/site-cria-fotos-realistas-de-pessoas-que-nao-existem-usando-imagens-reais-132971/>. Acesso: 02/09/2020.

PEIRCE, Charles Sanders. **Collected papers**, v. 1-6, Hartshorne and Weiss (eds.); v. 7-8, Burks. (ed.). Cambridge, Massachussets: Harvard University Press. As referências no texto foram feitas sob **CP** seguido de número do volume e número de parágrafo.

_____. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

PINTO, Tânia Oliveira Teixeira. Os olhos do mundo: a força da imagem no jornalismo do século XXI. **Revista Linceu On-Line**, v. 1, n. 1, 2010.

QUEIROZ, João. **Semiose segundo CS Peirce**. São Paulo: EDUC, 2004.

SANTAELLA, Lucia. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Editora estação das letras e cores, 2018.

_____. **O que é semiótica**. Brasiliense, 2017.

SOUZA E SILVA, Wagner. **Fotografia e interfaces digitais**: Convergência entre construção, comunicação e significação. Revista GEMInIS, v. 6, n. 1, p. 329-340, 28 jun. 2015.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise do Discurso 100, 105, 113, 115, 122, 271, 274, 276, 279, 281

Audiovisual 74, 76, 77, 84, 174, 200, 201, 206, 216, 239, 289, 295, 307, 320, 321, 322, 327, 328

C

Ciberfeminismo 135, 136, 137, 139, 140, 141, 142, 144, 145

Comunicação 1, 17, 21, 33, 34, 47, 58, 59, 60, 74, 75, 76, 98, 99, 111, 113, 123, 134, 135, 136, 139, 146, 147, 156, 157, 158, 173, 174, 175, 183, 184, 186, 196, 197, 200, 201, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 238, 239, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 250, 253, 256, 257, 258, 260, 269, 283, 284, 285, 286, 288, 289, 290, 291, 296, 306, 317, 318, 326, 328, 329

Comunicação Visual 60, 161

Conhecimento 21, 23, 27, 30, 31, 32, 38, 51, 53, 65, 70, 71, 74, 76, 95, 98, 114, 121, 139, 141, 179, 187, 204, 210, 212, 214, 218, 222, 223, 230, 235, 237, 238, 243, 246, 250, 259, 261, 262, 263, 265, 268, 274, 298, 299, 318, 319, 323, 325

Construção 21, 37, 49, 55, 56, 73, 77, 87, 94, 97, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 111, 113, 119, 120, 121, 123, 124, 127, 133, 138, 140, 141, 142, 168, 210, 212, 214, 234, 235, 236, 239, 240, 241, 242, 243, 250, 255, 259, 271, 272, 273, 281, 286, 312, 318, 319, 323, 325

Convergência 21, 27, 34, 36, 37, 47, 58, 73, 75, 98, 141, 204, 212, 262, 281, 282, 321, 327

Coronavírus 48, 50, 51, 52, 53, 56, 188, 189, 195, 205, 245, 246, 248, 249, 254, 256, 258, 259, 260, 263, 265, 267, 319

Critério de Noticiabilidade 86

D

Deepfakes 60, 70

Desigualdades 22, 113, 117, 122, 268

Desinformação 51, 58, 60, 68, 258, 259, 267, 268, 269

Dilma Roussef 123

Discurso Político 100, 102, 103, 104, 105, 106, 110, 111, 112

E

Educação 4, 10, 17, 39, 50, 59, 71, 74, 76, 78, 79, 84, 92, 100, 108, 109, 110, 121, 185, 198, 207, 208, 210, 221, 225, 227, 230, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 250, 253, 256, 269, 285, 286, 287, 288, 296, 310, 318, 319, 320, 326, 327, 328, 329

Ethos 100, 104, 105, 107, 108, 109, 111

F

Fake News 48, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 68, 72, 76, 116

G

Gênero 93, 99, 108, 110, 113, 114, 115, 117, 121, 122, 139, 142, 145, 180, 286

Greimas 113, 115, 116, 118, 121, 122

I

Imaginários 100, 104, 105, 106, 109, 110, 111, 176

Informação 21, 24, 26, 33, 35, 37, 38, 40, 43, 44, 45, 46, 49, 50, 51, 55, 57, 58, 62, 63, 65, 67, 69, 71, 75, 76, 78, 79, 83, 92, 96, 97, 102, 117, 118, 120, 136, 137, 139, 140, 141, 142, 144, 146, 148, 155, 156, 180, 187, 196, 197, 210, 211, 213, 214, 223, 224, 228, 229, 235, 236, 237, 238, 240, 242, 244, 245, 246, 253, 254, 255, 261, 263, 265, 266, 268, 269, 272, 273, 275, 281, 282, 287, 300, 318, 319, 323, 325, 326, 328

Inteligência Artificial 60, 64, 65, 66, 67, 301

J

Jair Bolsonaro 52, 90, 100, 101, 106, 107, 108, 109, 110, 205

Jornalismo 33, 34, 42, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 72, 74, 76, 77, 84, 86, 87, 88, 95, 96, 98, 99, 114, 136, 146, 187, 212, 213, 226, 231, 233, 234, 236, 237, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 265, 266, 267, 268, 269, 271, 273, 276, 281, 282, 283, 285, 286, 288, 289, 296, 318, 320, 321, 324, 327, 329

M

Mídias Sociais 35, 52, 57, 63, 68, 86, 91, 98, 113, 147, 148, 149, 150, 153, 154, 159, 166, 208, 209, 215, 216, 217, 219, 299, 321

Moda 123, 124, 125, 129, 130, 131, 134, 136, 137, 139, 144, 145, 178

N

Narrativas Jornalísticas 21, 95, 98, 273, 277

P

Pandemia 22, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 151, 184, 185, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 205, 245, 246, 248, 249, 250, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 319, 320, 321

Participação 10, 16, 21, 23, 25, 26, 96, 111, 141, 145, 146, 184, 205, 210, 212, 214, 219, 227, 228, 234, 237, 238, 240, 242, 253, 254, 293, 294, 295, 302, 319, 320, 321, 322, 323, 325, 327

Política 1, 2, 4, 5, 7, 8, 14, 15, 24, 39, 50, 51, 58, 68, 70, 71, 72, 92, 100, 102, 103, 104,

110, 111, 114, 118, 119, 120, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 133, 136, 140, 176, 183, 204, 211, 235, 238, 259, 261, 267, 269, 274, 277, 278, 279, 280, 282, 297, 298, 300, 303, 304, 305, 310

Pós-Verdade 48, 52, 54, 58, 59, 60, 68, 69, 71, 72

R

Rede Social 34, 35, 37, 44, 45, 46, 70, 92, 93, 138, 159, 160, 162, 169, 203, 217

Remediação 34, 35, 36, 46, 47

S

Semiótica 62, 72, 113, 122, 134, 329

T

Tejornalismo 74, 76, 77, 78, 84, 85, 265, 290

Televisualidades 74, 77, 78, 84, 85

Teorias do Jornalismo 86, 87, 98

Twitter 23, 50, 52, 70, 88, 89, 111, 113, 114, 115, 120, 121, 135, 136, 141, 142, 143, 144, 150, 152, 153, 157, 160, 162, 167, 169, 171, 306, 307, 309, 310, 315, 316

V

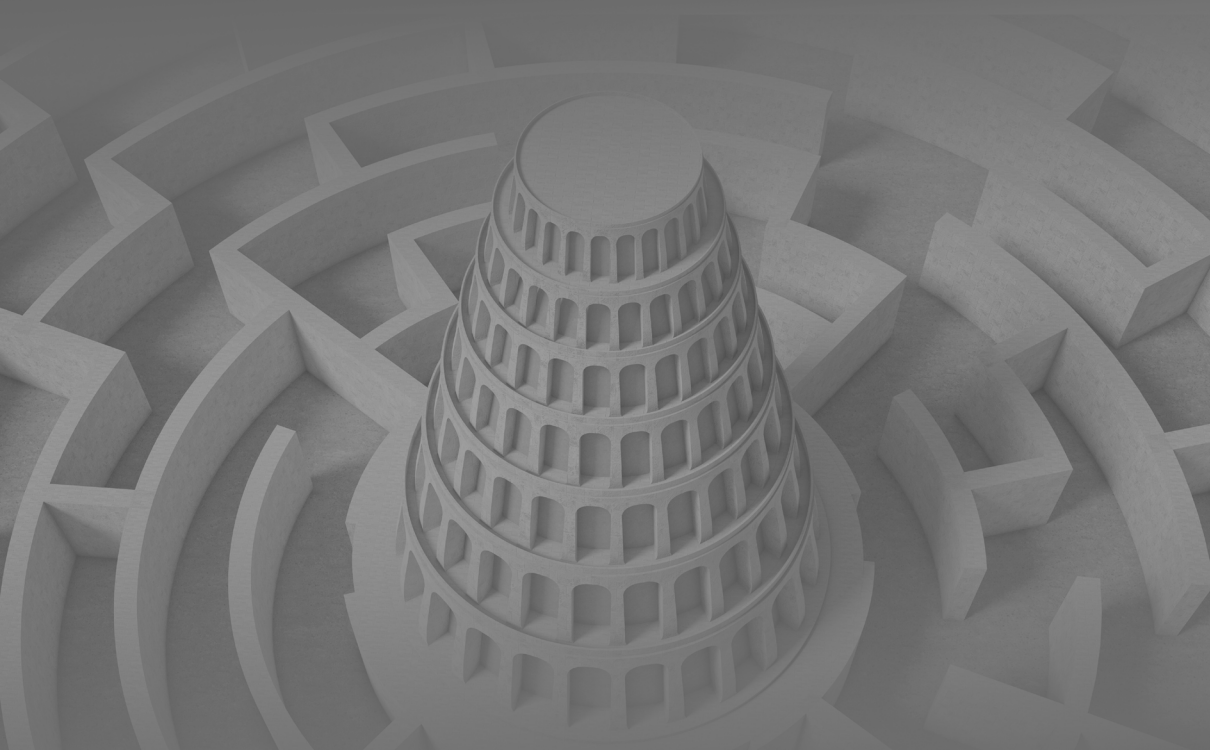
Valores Jornalísticos 48, 50, 51, 54, 56, 57, 58, 59

Valor-Notícia 34, 38, 41, 86, 90, 91, 93, 94, 95, 97, 98

Vínculos Sociais 21, 28

Torre de Babel:

Créditos e Poderes da Comunicação



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Torre de Babel:

Créditos e Poderes da Comunicação



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 